



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

09 DE JULHO  
PALANQUE — MONUMENTO AO SOLDADO CONSTITUCIONALISTA DESCO-  
NHECIDO  
SÃO PAULO-SP  
DISCURSO EM COMEMORAÇÃO DA  
REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA  
DE 1932

Meus Senhores:

Entrava o então Barão de Caxias na cidade de Bagé, depois de grande vitória obtida, sob seu comando, pelas armas imperiais, quando veio ter com ele o pároco dessa legendária cidadela do civismo sul-riograndense. Declarou-lhe o sacerdote que pretendia entoar solene «Te Deum» pelo feito glorioso que acabava de consumir. «Não» — responde o grande soldado — «mande dizer uma missa por alma dos mortos, que eu irei ouvi-la com o meu estado-maior, pois todos eram brasileiros».

A mesma grandeza inspira o extraordinário chefe militar, quando proclama a pacificação, aceita pelos farrupilhas, depois de quase dez anos de luta. «Uma só vontade nos una, Riograndenses». — exclama o Duque de Caxias — «Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões passadas. União e tranqüilidade seja de hoje em diante a nossa divisa».

Evoco, neste momento, a palavra de Caxias perante os vencidos, já por exprimir a nobreza da índole brasi-

leira, já porque hoje, cinqüenta anos passados sobre a Revolução constitucionalista, Euclýdes Figueiredo, meu pai, articulador do movimento revolucionário de 32 e um dos seus principais comandantes, autêntico soldado que, em nome da lealdade ao regime a que servia, recusou-se a aceitar convite para chefe do Estado-Maior das forças que iriam deflagrar a Revolução de 30; Euclýdes Figueiredo — repito —, se aqui estivesse falaria também, como vencido, não como vencedor, a mesma linguagem do esquecimento e da concórdia. Exaltaria, além disso, com emoção, se aqui pudesse estar, a coragem e abnegação dos bravos que tombaram no «prélio terrível das armas».

Como oficiante desta cerimônia comovente, não relembro apenas a figura exemplar de meu pai, o cidadão, o soldado, o político, o educador. Lembro, igualmente, como Presidente da República, o vulto insigne de Caxias, para fazer minha — já que tenho autoridade para isso — a exortação que fez no sentido do esquecimento e da conciliação dos espíritos. O sentimento de união, concórdia e fraternidade se acha arraigado na alma do brasileiro. Não poderia desertar, pois, esse mesmo sentimento, o coração sensível do paulista.

A corda emocional, que em mim se deixa tocar com facilidade até demasiada, vibra intensamente diante das recordações, tantas e tamanhas, que este momento suscita. Entre as emoções, que me tomam o coração, não havia de faltar a produzida pela memória dos moços que, em ambos os campos, foram colhidos pela morte. A eles se aplica o que um poeta faz dizer, com admirável simplicidade, aos heróis mortos em ação. Eis, lançada em prosa, essa linha poética: «Perder a vida não é, seguramente, perder grande coisa. Mas os jovens pensarí que é, e nós éramos jovens».